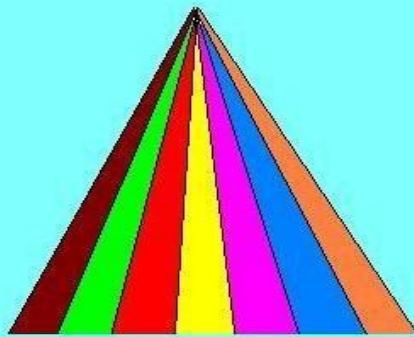


**TERCEIRA**

**JORNADA**

**FILOSÓFICA**

**Deus**



**Luiz Caramaschi**

**Sociedade Filosófica  
Luiz Caramaschi**

“No alto e embaixo, o mesmo princípio,  
a mesma lei, a mesma verdade:

**SABEDORIA e AMOR** formam a Unidade de Deus;

**ESSÊNCIA e SUBSTÂNCIA** entram na constituição de todas as coisas;

**RAZÃO e SENTIMENTO** integram a individualidade do homem” O Autor.

Editado pela

**SOCIEDADE FILOSÓFICA LUIZ CARAMASCHI**

Praça Arruda, 54

Fone: (14) 3351 1900

18 800-000 - Piraju - SP

## O AUTOR

Luiz Caramaschi nasceu a 18/04/1919 e faleceu a 11/10/1992 em Piraju – SP, localidade onde viveu quase toda a sua vida. Filho de pais de pouca cultura e de escassos recursos financeiros, teve infância e adolescência difíceis, trabalhando arduamente na agricultura. Mesmo assim, por esforço e vontade próprios, conseguiu bacharelar-se com distinção na segunda turma do antigo Colégio Estadual de Piraju. Só bem mais tarde, em 1953, casado e já autor de algumas obras, voltou aos bancos escolares, formando-se professor pela Escola Normal “Cel. Nhonhô Braga”, de Piraju, profissão que nunca exerceu.

Desapegado dos bens materiais, buscou apenas sua formação intelectual. Facilmente teria conseguido projetar-se em altos postos burocráticos ou em profissões liberais, mas acomodou-se logo no segundo emprego, como agente postal do antigo Departamento de Correios e Telégrafos, cargo em que se aposentou em 1976, não sem deixar sua passagem marcada pela instituição. Ganhou o prêmio do melhor trabalho sobre o Código de Endereçamento Postal (CEP), ensaio posteriormente publicado sob o título de Código Postal e a Raposa Sabida.

Autodidata, Luiz Caramaschi estabeleceu rígido esquema de estudos, que seguiu até a sua morte. Na busca da solução de seus problemas pessoais, principalmente o do conflito entre a Teoria da Evolução e o Criacionismo Bíblico, conseguiu ampla cultura geral e, dotado de “memória mecânica”, via-se obrigado a registrar suas conclusões, ordenando-as de forma lógica.

“O grande acontecimento de sua vida” foi o seu casamento com Odila Prestes Caramaschi, esposa dedicada, boa mãe e, principalmente, sua maior colaboradora. Pacientemente, anos seguidos, mesmo trabalhando fora, ela conseguiu tempo para datilografar e colecionar todos os seus trabalhos que, de outra forma, seriam montanhas de manuscritos ilegíveis, certamente perdidos.

Assim, foi fundada a Sociedade Filosófica “Luiz Caramaschi”, entidade cultural sem fins lucrativos, voltada primordialmente para a preservação de todos os trabalhos literários desse filósofo.

## A TERCEIRA JORNADA FILOSÓFICA

Coube-me a honrosa tarefa de prefaciар esta obra de meu irmão Luiz Caramaschi; duas vezes irmão, sendo uma por laços sangüíneos e, outra por irmandade maçônica.

Há mais de trinta anos compreendi a profundidade da mensagem do autor, uma vez que convivi com ele desde a mais tenra idade. Era mais velho que eu doze anos.

Sempre foi estudioso, e, em suas horas de folga, lia, discutia, analisava, e, principalmente, sintetizava os pensamentos mais variados dos mais diversos autores.

Profundo conhecedor do pensamento de muitos grandes homens, sempre buscou, em cada um, a mensagem chave, a idéia básica, que a incorporava ao seu conjunto verdade, em concordando com ela. Mas, caso contrário, tratava-a como falsa verdade que lhe cumpria combater.

Leitor metódico, de cada livro que lia, anotava em seu caderno toda idéia que lhe parecia correta para aproveitá-la, e, também, a que lhe parecia errada para rejeitá-la. Essas anotações lhe valeram a facilidade para a elaboração das suas citações. Discutia-as com todos os que tiveram o privilégio de conviver com ele. Eu fui um desses privilegiados que tiveram a vantagem de ter tido dois pais.

Esta obra está sendo editada somente agora, embora, paradoxalmente, tenha sido a primeira a ser escrita pelo autor. A inversão da ordem de edição deu-se apenas em virtude de preferência didática, e não de importância, pois considero esta obra no mesmo nível de todos os seus trabalhos, e dentro da coerência do autor. O autor inicia esta obra com um diálogo entre personagens imaginários, em uma biblioteca de uma casa à beira mar, no município de Cananéia, Estado de São Paulo, com a qual sonhara em sua juventude. Seu sonho não se realizou, porque quando teve tal oportunidade, já era velho, e não mais possuía as energias físicas para realizar as rotinas diárias, as quais ludicamente descrevera como parte de suas pescarias na foz do Rio Mandira. Nunca esteve em Cananéia. Porém foi lá, oniricamente, em ambiente por si mesmo lúdico, que concebeu a sua Terceira Jornada Filosófica.

Impossível condensar, sem danos, a concepção do autor, que se apoia em três bases, quais sejam: O Homem – A Natureza – Deus. O seu sistema filosófico está fortemente alicerçado nas verdades alcançadas por todos os pensadores do passado, e é de fato uma síntese do maior tesouro da humanidade, que ele dividiu em três jornadas, como seguem:

A Primeira Jornada, também chamada de Realismo, que se condensa na polêmica entre Parmênides, que defendia o Ser Único, Fixo, Imutável, Constante; esta idéia opunha-se ao conceito de Heráclito, que dizia que tudo é Individual, Mutável, Transformável, em um constante e permanente vir a ser.

A Segunda Jornada, também chamada de Idealismo – ou Filosofia Moderna – tem início no “COGITO” de Descartes e termina em Darwin, que

sepultou todas as filosofias e religiões com sua Teoria da Evolução (editada em 1858), por ter lançado o mais contundente repto a todas elas.

Por isso, a Terceira Jornada aqui exposta, oferece novamente orientação filosófica a esta civilização, chamada de Ocidental, e que se encontra sem bússola desde aquela época.

Impõe-se agora uma nova idéia, ainda que velha, que sintetize as filosofias todas, cuja síntese se harmonize com o pensamento religioso, na qual se cifra esta Terceira Jornada Filosófica.

A Coruja de Minerva, a ave de olhar deslumbrado, tantas vezes referida pelo autor, elevou-se no espaço, em seu primeiro vôo, no século VI a.C., na Grécia, aurora da nossa Civilização, e, em seu segundo vôo, no século XV, com o Sol a pino da Renascença, na Itália. Ela prepara-se agora, para alçar o seu terceiro vôo, no Brasil, para levar ao mundo uma nova, porém velha mensagem, que sintetize todas as opiniões divergentes, no momento em que assistimos ao declínio de nossa Civilização Ocidental. Tem de ser agora, porque assim o exige a presente situação, visto que, os bens do progresso científico anularam-se com a corrupção dos costumes, e romperam os vínculos da família, que caminha agora para o seu embrutecimento.

Não se trata, já se vê, nem de pessimismo niilista, nem ainda de otimismo vazio, e sim de Alertismo Orteguiano, porque, como disse o autor, o nosso futuro depende de nossas mãos, e estas, de nosso pensar.

A tarefa de condensar tudo isso em uma só obra, constitui-se no objeto deste livro.

Que estas poucas palavras lancem o leitor na dúvida, e que esta dúvida o incomode, é o meu desejo.

Bragança Paulista, 27 de dezembro de 1999

**Seth Caramaschi**

## **Terceira Jornada Filosófica**

### **ÍNDICE**

#### **DIÁLOGO**

- I - Fundamentos de Terceira Jornada
- II - Objetivos do Conhecimento
- III - Onde a Verdade
- IV - A Perfeição é Imutável
- V - A Queda das Almas do Topos Uranos

#### **NÃO DIÁLOGO**

- VII - Problemas do Nosso Tempo
- VIII- Os Caminhos da Vida
- IX - Respostas às “Breves Notas”
- X - Religião
- XI - Essência e Substância
- XII - Ontologia e Metafísica
- XIII - Minha Filosofia é a Linha do Grau 18
- XIV - Símios e Antropóides
- XV - O Aparecimento do Homem  
As Duas Alternativas

SOCIEDADE FILOSÓFICA LUIZ CARAMASCHI

Praça Arruda, 54

Fone: (14) 3351 1900

18 800-000 - Piraju - SP

# Capítulo I

## Fundamentos da Terceira Jornada

A noite caíra já, de todo, sobre Cananéia. O mar rumorejava ao longe, batido pelo vento fresco vindo em direção à terra. A casa de Árago estava toda iluminada, e na sala da biblioteca os estudiosos esperavam pela entrada do pensador. E tanto que ele entrou, e tomou o seu lugar, principiou a falar:

– Como vimos, Kant demonstrou a impossibilidade da metafísica. Contudo, deixou a porta aberta, com dizer que é próprio da nossa inteligência exigir o incondicionado, o absoluto. Por isso três filósofos surgiram para desenvolver teses absolutistas, que foram Fichte, Schelling e Hegel. Com eles o mundo se enfatiou de absolutismos. Com Augusto Comte veio a reação, e a filosofia caiu no ridículo. A suceder, veio Herbert Spencer, filho espiritual de Darwin, levando para o campo filosófico a doutrina da evolução. Então, o bom Deus não criou o homem de um golpe, como produto acabado, como pensaram todos até ele. Desde então o mundo ficou sem filosofia sistemática até nossos dias. Este é também o pensar de José Ortega Y Gasset.

– Agora, continuou o filósofo cananeano, vamos tentar a construção de um sistema. Todavia, vamos principiar com os métodos novos fornecidos pela chamada filosofia nova.

E após ponderar um pouco, acrescentou o filósofo:

– Cristo disse: se vos não tornardes como meninos, de modo nenhum não entrareis no reino dos céus. Por isto, se não fizermos tábua-rasa de nossos sistemas anteriores, e não iniciarmos com métodos novos, não alcançaremos a verdade. E esta é a atitude psicológica em que nos devemos colocar. Uma vez que nos dispusemos tornar como crianças, que qualidades caracterizam os meninos, Chilon ?

Após haver ponderado o que havia de responder, exclamou Chilon:

- A primeira qualidade ou caráter das crianças é serem curiosas.

– Bom. Então sejamos todos curiosos, tornou o mestre. Tenhamos os olhos deslumbrados como as crianças, como a coruja de Minerva. E que outro caráter descobre você nas criança ?

– Acho que são ingênuas.

- Seja essa, então, a nossa outra qualidade que nos faz abertos, e não fechados em nós mesmos, como se fôramos sábios, e não, meros aprendizes. Quando Sócrates declarava não saber nada, punha-se nesta atitude ingênua de querer saber. Contudo, existe um caráter próprio dos filósofos de que não abriremos mão.

– Qual é ? – interrogou Chilon.

– É o rigorismo. Embora ingênuos e curiosos, manter-nos-emos com espírito de rigor, próprio de homens amadurecidos nas lidas do pensar. Sejam os meninos, porém não de todo meninos. E há outra qualidade própria de homens velhos, que é a paciência. Não faremos como as crianças que põe ou propõem problemas para os quais ainda não estão amadurecidas. Quer dizer que teremos paciência para não colocar problemas que não se tenham colocado, espontaneamente, pelo desenvolvimento dialético. No transcorrer dos nossos estudos, os problemas ir-se-ão, espontaneamente, sendo propostos. Concordam todos em nos mantermos nesta atitude ?

Ao dizer isto, encarou o pensador a todos os presentes, a fim de verificar se todos estavam de acordo. Uma vez notificado que sim, por acenos de cabeça, continuou:

– Curiosos e ingênuos, olhemos para o mundo que nos cerca, e no qual estamos imersos. Mas quando olhamos para o mundo, verificamos que já sabemos, de antemão, tudo sobre ele. Antes que compulsemos os compêndios da história da filosofia, verificamos que há a nossa própria história, a história da nossa vida, como começamos a aprender, e de que modo aprendemos.

– Neste caso, tornou Bruco, caímos de novo na epistemologia, que é de onde partiram os filósofos idealistas até Kant.

– Pode ser, respondeu Árago, mas será uma epistemologia vital, e não, aquela dos idealistas. Partiremos da raiz mesma do conhecimento, e não, do galho que bem mais acima nasce. Não vamos começar por ver como pensa o homem racionalmente, e sim, como pensa ele vitalmente. Antes do pensamento abstrato está a nossa vida concreta, efetiva, espontânea; antes de nossas teorias sobre as coisas e sobre o mundo, esteve a nossa vivência, a nossa atuação sobre as coisas, sem que as conhecêssemos. “No princípio era a Ação”, diz-nos Goethe no seu “Fausto”. Como doutamente o diz Ortega, “o destino do homem é, portanto, primariamente *ação*. Não vivemos para pensar, mas ao contrário: pensamos para conseguir sobreviver”<sup>1</sup>. O próprio pensamento, na sua gênese (ensaio-e-erro) é pura ação sem pensamento. Assim, o ensaio-e-erro é uma experimentação caótica; é uma provocação ao meio, ao ambiente, ao contorno, a fim de ver se nele se abre uma brecha de modo a que o problema se resolva. Não é só o animal que usa este método; o homem também o emprega, quando se vê frente a um problema inteiramente novo. Quando não há elementos na mente para agir contemplativamente, reflexivamente, o jeito é experimentar às cegas, às tontas, ao acaso, até obter os primeiros resultados com os quais, agora sim, se pode contar para as operações mentais abstratas. Assim se começa a pensar de modo ativo, visto como o sujeito atua sobre o ambiente, a fim de ver como este reage. Não obstante, há também um modo mais primário de pensar, que é o passivo, pelo qual o sujeito interpreta e reage às ações que sobre si exerce o meio. É o que se chama “inferência fisiológica”, para empregarmos a expressão de Bertrand Russell. Se após ouvir um determinado ruído, recebermos um forte jacto de luz nos olhos, as pupilas se fecham por efeito da luz. Depois de muitas repetições, só o ruído, sem a luz, fará as pupilas se contraírem. É que o som e a luz foram associados, como sendo o ruído a “causa” da luz. Ora, o raciocínio é inferência ou associação; logo, esse fenômeno do reflexo condicionado é já raciocínio na sua forma primigênia, anterior, portanto, ao ensaio-e-erro. Ele não é exato, e, apesar de não o ser, domina toda a escala animal chegando até ao homem, pelo que se criam os inúmeros e contínuos quiproquós.

---

<sup>1</sup> José Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 62

E após um fôlego, prosseguiu o pensador:

– Qüiproquó significa tomar uma coisa por outra; tomar o ruído pela luz; tomar a nuvem por Juno ou Hera, como aconteceu a Ixião, herói e rei tessálio. Do rapto de Ixião com a nuvem com forma de Hera, nasceram os centauros que são, por isso, filhos dum equívoco. Deste modo, os qüiproquós são equívocos dos quais nascem monstros meio homens e meio cavalos, ou seja, meio racionais e meio brutos. A inferência fisiológica ou reflexo condicionado é isto. Consulte-se a história, e ver-se-á o que têm produzido os qüiproquós; batalhas se perderam, ou foram ganhas, graças aos agouros, maus no primeiro caso, e bons no segundo. Um cometa nos céus antecedeu a morte de Cesar; logo, Vespasiano devia morrer, porque, em seu governo, apareceu, também, um cometa nos céus. E conhecendo Vespasiano o efeito deste equívoco, pois algum fanático poderia até matá-lo para que se cumprisse a previsão, por isto, apressou-se a desfazer o qüiproquó com dizer que, sendo ele careca, e o cometa, cabeludo, não podia de nenhum modo referir-se a ele. É assim que contra um qüiproquó, outro qüiproquó. Um homem foi hipnotizado, e logo após, morreu; foi a hipnose que provocou a morte. Isto jamais aconteceu, mas pode suceder, e tal será o “raciocínio” da gente simples ou ignorante.

E fazendo um ar de riso irônico, relatou Árago:

– Certa vez, um vereador, ministro protestante, estava falando no plenário, contra a entronização da imagem de Cristo na sala das sessões. Isto é fato acontecido, se não me engano, em Ourinhos. O orador teve o seu discurso interrompido por um colapso cardíaco, caindo, morto já, sobre a mesa que lhe estava à frente. Foi, disseram os da oposição, um castigo do céu fulminado sobre o herege.

Fez uma pausa, o mestre, para gozar, com os presentes o efeito deste relato sucedido; depois, compondo de outro modo o semblante, continuou:

– Os bons e os maus agouros são todos qüiproquós, contra ou a favor dos quais todos os antigos homens de liderança haviam que estar prevenidos. Assim, é que Cipião, entrando na África, à frente de seus homens de guerra, tropeçou e caiu. Era um mau agouro. Porém, porque estava prevenido, presto, abraçou-se com a terra e bradou: “Agarrei-te, ó África ! não me sairás mais das mãos !” Ciro, o persa, acampando-se, com suas tropas, nas vizinhanças da cidade que ia submeter pelas armas, antes de mais nada, erigia um altar e oferecia sacrifícios aos deuses dessa cidade. Isto não só dava confiança aos seus, como abalava a dos da cidade, que sempre haviam de ter motivos para pensar que tinham ofendido a seus deuses. Deste modo os bons agouros sempre foram preparados antes das batalhas, para animar os de cá, ao tempo em que se procurava minar a confiança dos da oposição, com os maus.

E voltando-se para Chilon, perguntou o mestre:

– E ainda há, Chilon, quem queira defender a tese de que a história se escreve pelo dedo de Deus ? Que podemos nos descansar, que tudo irá sair da melhor forma possível ? Que o destino histórico está predeterminado por uma vontade superior, como pensam os místicos ? Que a história é ciência, e por isso se acha regida por leis, como pensam os idealistas da direita e da esquerda hegeliana ? Se fosse assim, não teria havido os contínuos retrocessos das civilizações, e até o



retorna à barbárie poderá ainda ocorrer, se não se mantiver o homem vigilante, alertado sobre o que possa sobrevir ! A verdade é que alguns sacos de gatos, abertos numa frente de combate, como já ocorreu, pode decidir da sorte duma batalha, do resultado duma guerra, e modificar o curso da história ! É ridículo supor que Deus se valha de quiproquós para riscar, com seu dedo divino, o rumo da história ! Mas isto é uma digressão. Vamos ao que eu ia dizendo?

– Do quanto expus, a respeito da associação que aparece na gênese do pensamento, seja como inferência fisiológica, seja como ensaio-e-erro, salta já esta consequência: que a associação é o que, primariamente, aparece na história ainda biológica do pensamento. Portanto, esta é a forma mais simples de raciocinar. Pela recíproca, a forma mais difícil é a dissociação ou análise. O método sintético ou dialético é o simples e primitivo; o método analítico ou dissociativo é o complexo. Pegar uma idéia como premissa, e arrancar dela tudo o que nela se contém, até suas últimas consequências, é muito mais difícil do que associar idéias umas com as outras, assim de modo que uma idéia puxa pela outra, e se vai fácil e espontaneamente, pouco a pouco, dialeticamente, armando todo um sistema. Isto mesmo é o que diz o perspicaz Ortega na nota 37, ao pé da página 96 de sua obra “A Rebelião das Massas”. Aqui está, nas minhas notas que fiz durante a leitura dessa obra: “A liberdade de espírito, quer dizer, a potência do intelecto, mede-se por sua capacidade de dissociar idéias tradicionalmente inseparáveis. Dissociar idéias custa muito mais que associá-las, como demonstrou Kohler em suas investigações sobre a inteligência dos chimpanzés” .

Neste ponto, interveio Bruco perguntando:

– Quer dizer que essa sua epistemologia vital, como o senhor a nomeou, consiste em que nossas primeiras idéias nos vêm por associação ?

– É isso. Mas não é meu intento recuar na escala zoológica. Por agora, não nos interessa como “raciocinam” os animais, e, conseqüentemente, o pré-homem macacóide. Temos de recuar a fundamentos menos remotos, e ver como aprende o homem atual. Tenho de ater-me a isto: aquilo que sei, como, primariamente, me veio ? Mas quando dava voltas à razão para achar o caminho, encontro-o já achado por Ortega, pelo que sou forçado, com muito gosto, a filiar-me a ele. Forçado porque ele veio antes, e honestamente devo referi-lo; com muito gosto, porque, o que ele fez está muito bem feito, não precisando eu de tornar a o fazer. Dizendo isto, dou por recomendado a vocês o estudo das obras de Ortega que tratam desta parte; são elas: “O Homem e a Gente” e “A Rebelião das Massas” . Diz, então, Ortega, a este propósito: “O mundo humano precede, em nossa vida, ao mundo animal, vegetal e mineral. Vivemos todo o resto do mundo como através das grades de uma prisão, através do mundo de homens em que nascemos e em que vivemos. E, como uma das coisas que mais intensa e freqüentemente fazem esses homens, em nosso imediato contorno, em sua atividade reciprocamente, é falarem uns com os outros e comigo, com o seu falar injetam em mim as suas idéias sobre todas as coisas e eu vejo, em princípio, o mundo todo através dessas idéias recebidas” <sup>2</sup> . Mais: “Somos aquilo que nosso mundo no convida a ser, e as feições fundamentais de nossa alma são impressas nela pelo perfil do contorno como por um molde. Naturalmente: viver não é mais que tratar com o mundo. O semblante geral que ele nos apresenta será o semblante geral de nossa vida” <sup>3</sup> . Deste modo, a primeira experiência que temos é a social, e ao nascimento nos achamos abertos ao contorno social que nos penetra e nos plasma, e toda a realidade do mundo nos vem, primariamente, por esta via. Ou então, na bela formulação de Ortega: “Isso nos leva a

<sup>2</sup> Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 142

<sup>3</sup> Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 117

formular este primeiro teorema social: o homem está *a nativitate* aberto ao outro que não é ele, ao ser estranho; ou, com outras palavras: *antes de que cada um de nós percebesse a si mesmo*, já havia tido a experiência básica de que existem aqueles que não sou “eu”, os Outros; isto é, o Homem ao estar *a nativitate* aberto ao outro, ao *alter* que não é ele, é, *a nativitate*, queira ou não, goste ou não goste, *altruísta*”<sup>4</sup>. Deste modo, pouco a pouco, vai a doutrina de Ortega condensando-se no enunciado seu de que “eu sou eu e a minha circunstância”<sup>5</sup>.

Fez uma pausa o pensador, e aproveitou-a Benedito Bruco para fazer uma observação; disse ele:

– Essa epistemologia que o senhor chama vital, pelo que se vê, é oposta à dos filósofos idealistas. Porque Platão dizia que a opinião comum era a *doxa*, contra a qual ele opunha a *episteme* ou ciência. Daí, que a doutrina dos filósofos havia que ser, necessariamente, *para-doxa*, paradoxal, isto é, contra a doxa. Ora, o senhor afirma que nosso primeiro conhecimento é a *doxa*, a opinião comum que o meio social nos inocula desde o nascimento.

– Acontece, meu caro Bruco, que antes da episteme ou ciência, está, de fato, a doxa ou opinião comum. A própria episteme nasceu da doxa, por oposição dialética, isto é, como antítese à doxa. E é por aqui, pela doxa, que começamos a aprender. Além disso, se epistemologia quer dizer *teoria do conhecimento*, temos de ver como e por que meio começamos conhecer. E esta, que não terminou ainda, é apenas a primeira visão de como aprendemos, depois do que virá a segunda.

E vendo que Bruco se aquietara com esta resposta, continuou o filósofo com o que vinha expondo:

– Todos nascemos num lar, e, por isto, a primeira realidade que encontramos é a social. Ora bem, Chilon: por que meio a cultura do nosso grupo, do nosso contorno social nos penetra, nos enche, nos satura, de modo a nos tornar um novo elemento do meio ?

– Ah ! Isso nós já estudamos nos “Serões Bíblicos”, pelo que sabemos bem. O método empregado pelo social que nos rodeia é a *sugestão*.

– Bom. Fale, então, você, um pouco sobre isso, a fim de que possamos prosseguir.

Instado, assim, pelo pensador, Chilon se pôs a meditar um pouco, lembrando as lições dadas nos “Serões Bíblicos”. E tendo dado com o ponto, começou:

– Estudamos já que a sugestão é fundada no princípio da autoridade, no princípio do *magister dixit*. Para a criança que aprende, todo mundo é mestre. E aprendemos, por esse modo, a língua, a religião, a moral, os costumes, e ainda, pela imitação, adquirimos os hábitos.

– Quer dizer, meu Chilon, que a episteme ou ciência não está na raiz dos nossos conhecimentos, e sim, a sugestão ? Que nós aprendemos de memória, e não, de razão ?

---

<sup>4</sup> Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 142

<sup>5</sup> Ortega Y Gasset, Meditações do Quixote, 52

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

